



Histórias de Magui

Magui, minha amiga lá da montanha, do Sítio Sertãozinho, em Moeda, está escrevendo as histórias de mulheres que marcaram sua infância, resgatando exemplos como o de Sinhá Ana e de toda uma geração de Anas, cujo nome significa cheia de graça. Mulheres que confiavam na gratuidade da vida. Tinham um jeito simples de viver, com todos os sentidos aguçados. Para elas, ter um quintal era um jeito de orar intenso e profundo. Para vocês, a história de Sinhana (Sinhá Ana): "Aqueles perfumes que vinham das manhãs, das tardes e das noites inundavam o quarteirão. Vinham da casa de Sinhana. Era cheiro de café torrado, que descia até a lagoa. Cheiro de manacá, de jasmim-do-cabo, de hortelã, de capim cidreira e da majestosa dama-da-noite, que inundava tudo. Eh, Sinhana perfumada! Morava sozinha, casinha na beira da rua. Pintada de branco, janelas e portas verdes.

Atravessava a porta, a bênção estava dada. Foi mamãe quem conheceu Sinhana. Falou do café torrado por ela. Interessei-me. Na próxima ida de mamãe, estava eu lá juntinho dela. Nunca mais deixei de ir. Passei a levar o café e a buscá-lo torrado. Logo na entrada, eu esbarrava em touceiras de alecrim, capim-santo, margaridas. Meu coração disparava de alegria. Que bela recepção. Eu gritava: Sinhana! Sinhana! E lá estava a pequena velhinha limpando na peneira a encomenda do próximo café a ser torrado. Entregava o da mamãe e ela colocava em uma lata já determinada com o nome dela, no meio de muitas latas nomeadas.

Na saída, ainda enchia minha mão de baladélicia, pé de moleque ou bala pingo. Era o paraíso. Com café para torrar ou não, eu sempre dava um jeitinho de passar por lá, para um abraço, para matar a saudade, para comer um docinho. Ela quase não saía, mas não perdia a festa de 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Saúde, padroeira da cidade. Algumas vezes, via um sobrinho dela lá, mas era só. Torrando café, fazendo quitanda, cuidando de seu quintal. A chaminé funcionava o tempo todo. Em cima da mesa grande da cozinha, uma gamela com frutas do quintal.

Um dia, chegando lá, Sinhana reclama: "Tô gripada". Ai eu perguntei: "Você quer que eu fique aqui?". "Não fia, Raimundo Pagão vai trazer remédio pra mim e tenho os meus chazinhos." Fui embora chateada. Pedi à minha mãe para dormir com Sinhana. Eu quero! Ela tá doente, tá sozinha! Deixa? Calou, consentiu... Arrumei minhas coisas, esperei entardecer e fui. E lá estava ela, com um lençinho que tirava do bolso do vestido ramado e de florzinhas, enxugava os olhos, suava o nariz, apertava as mãos. O que será que se passava pela cabeça dela? Ela contou caso, me deu leite com canela antes de dormir e me chamou para o quarto dela. Lá eu nunca tinha entrado de verdade. Só olhava da porta. Ela apontou para a cama que seria minha. Um lençol muito alvo de algodão puro. O colchão de palha de milho, misturado com algumas ervas, perfumava o quarto. Entre as duas camas, uma mesinha antiga forrada com um pano branco recebia um oratório de vidro com a imagem de São Sebastião. Sinhana se abaixou lentamente e afofou meu colchão como o último carinho.

Ao me deitar, o cheiro exalou e um chiado vinha todas as vezes que me mexia na cama. Sinhana começou a rezar. O terço em suas mãos



"E lá estava a pequena velhinha limpando na peneira a encomenda do próximo café a ser torrado"

trêmulas, que durante o dia debulhava o rosário do sagrado na sua labuta. Virei-me para o canto e me deparei com umas tábuas certinhas, aparadinhas, todas encostadas na parede. Entre o catre e a parede. Interrompi a reza de Sinhana e perguntei: "Que tábuas são essas?" "É o meu caixão desmontado. Não quero dar trabalho a ninguém". Ela foi firme. Nessa época, Sinhana deveria estar com uns 85 anos. Então, apagou a lamparina, nenhuma palavra mais. Comecei a rezar a ave-maria, para a minha querida amiga não morrer tão depressa. Adormecemos as duas. Levantamos, juntei minhas coisas. Fui para a minha casa, ela me olhando da porta. Cabeça baixa, pensava nas tábuas do caixão. Eu tinha 9 anos e ainda não havia pensado na morte. Como seria morrer? Desaparecer para sempre? Passei a rezar todas as noites para papai e mamãe não morrerem.

Continuava a visitar Sinhana. Levava o café para torrar, buscava o café torrado. Ganhava bananas do quintal, quitandas feitas no forno de cupim, mangas perfumadas. Entrava pela sala e sempre dava uma olhada no quarto. Primeiro via São Sebastião no oratório, a colcha de retalhos que cobria o catre, onde passei aquela noite, e depois espichava os olhos até as tábuas arrumadinhas. Acreditava que São Sebastião, ali tão pertinho dela, não deixaria o caixão ficar pronto muito depressa. Aquelas tábuas faziam parte da casa, assim como a mesa, o fogão, os tamboretos, o moinho de café, o oratório, São Sebastião, o urinol e o caixão. Para ela, sábia Sinhana, vida e morte caminhavam juntas. Ainda era cedo para eu aprender isso. Sinhana morreu aos 102 anos."